



Quem vem lá? (Desenho de Stuart)

Segunda série—N.º 450

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 5 de Outubro de 1914

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L.^{DA}
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Redação, administração, off. de composição
 e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	
Ano.....	4880	10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais
facil do que a fotogra-
fia a negro. Reprodução
exata de todas as côres
da natureza.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamamento e durante o período do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhêa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as Pharmacias e Boas Mercaderias.

Ouro a pezo Venda
Barateiro PIMENTA
R. DA PALMA, 2, esquina

**SAUDE, FORÇA, ENER-
Molestias dos Faizes quentes.**

**FERRO
QUEVENNE**

CURA:
ANEMIA
FERREZ, DEBILIDADE
Activo, agr-facil,
economico, inalteravel.
Luzit - Sells da "Union des Fabricants"

BREVEMENTE

Almanaque Ilustrado d'O SEculo
PARA 1915

PURIVESARIA VINHAS
COMPREM N'ESTA CASA
51, Rua dos Fanqueiros, 52
Esquina da R. de S. Julião

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
**RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

A RECEITA mais segura e facil para não ter *Formigas* é usar
MANEJO FACIL - PREÇO ACESSIVEL - Frasco 200 réis
Deposito geral: **NETTO, NATIVIDADE & C.^a**, Rua Jardim do Regedor, 19

Colégio Nacional Internato d.
1.^a classe pa-
ra meninas.
SANTAREM Professora
estrangei-
ras, piano
canto, pintu-
ra, arte aplicada, etc., etc.

Le Chevalier d'Orsay
Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



de **Mizella**
o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre - PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-00 ASCENSOR

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 450

5-10-1914

5 de Outubro

Passa hoje o quarto aniversário da proclamação da Republica Portuguesa. No momento em que quatro grandes nações da Europa se encontram em estado de guerra, todos os países,

na previsão de uma ameaça da sua integridade territorial, tem o dever, não só de organizar, mas de exaltar as suas energias militares. Assim o compreendeu o governo portuguez, solenizando este ano com uma parada militar a data do advento da Republica. Lisboa, vendo passar, na poeira faiscante de sol das suas avenidas, o clarão de seis mil baionetas, saudará n'esses seis mil homens o

exercito da nação, sangue generoso e moço, heroico e ardente, que a suprema vontade do povo só sacrificará á defeza sagrada da patria.

Ministerio do Trabalho

O governo resolveu submeter ao Congresso Nacional uma proposta de lei creando o Ministerio do Trabalho. Essa creação corresponde a uma imperiosa exigencia da administração publica. Os multiplos, vastos e diversos negocios pelos quaes tem de dispersar a sua

atividade o ministro do Fomento e para os quaes se requerem competencias especializadas que não é facil reunir n'um só individuo, indicam naturalmente a conveniencia de tornar independentes e autonomos alguns dos mais importantes ramos de serviço, que hoje constituem, nas condições da actual organização d'aquella secretaria d'Estado, outros tantos ministerios dentro do mesmo ministerio. Semelhante providencia poderia legitimamente considerar-se abrangida na autorisação parlamentar de que está usando o governo. O sr. dr. Bernardino Machado, porém, aguardando, sobre o assunto, a expressão da vontade do Congresso, afirmou o seu respeito pelo poder legislativo.

O super-homem

Um grande filosofo alemão disse um dia, pouco mais ou menos, pela boca de «Zarathus-

tra», que o sentimento da humanidade era a mais criminoso fraqueza dos homens; que o homem cruel era o homem superior; que era preciso ser-se duro, como as pedras preciosas, para se ser cintilante como elas; que a atrocidade era a mais bela expressão da luta; a guerra o mais espantoso instrumento do progresso;



que a piedade cristã, conspiração gigantesca dos miseraveis e dos fracos contra os poderosos e contra os fortes, era a fonte de toda a decadencia; que destruir, — era civilisar; que arrasar, — era construir. D'onde se prova que Guilherme II, caricatura do «super homem» nitzschiano, está pondo em ação, na grande tragedia da Europa, o pensamento nihilista de Zarathustra.

Literatura

O medico põe ao serviço das letras qualidades de observação e processos de penetrante analyse que accusam, quasi sempre, o vinco profissional. Nas pequenas e admiraveis novelas «Historia de um concerto de estradivarius» e o «Embarcação», que acaba de publicar, em separata da Academia, o dr. Balthazar Osorio, professor da Faculdade de Ciencias de Lisboa, zoologo eminente e medico illustre, — a nitidez da expressão, a precisão flagrante do descritivo, a dedução segura dos elementos logicos da ação, revelam, dentro dos processos literarios, o espirito rigoroso e exato do homem de ciencia.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



NOIVADO ELECÍACO



UI esta manhã á «morgue» para ver pela derradeira vez um perfeito, lindo rosto de mulher em plena graça, em plena beleza e na primeira alvorada dos sonhos, côr de rosa, e em que, no entanto, gelára o sangue e se apagara a brilhante, miraculosa chama da vida. Sobre uma fria mesa de pedra, onde não tardaria a ser retalhada pelo bisturi cruel das autópsias, jazia Florinda inanimada, com os braços estendidos ao longo do corpo, as vestes compostas honestamente, em moles prégas, sobre as carnes que haviam deixado de palpitar e um riso indefinível fluindo na palidez da boca, iluminando-a, ainda dum reflexo de formosura, mesmo nas desolações e no misterio da eternidade. Ao seu lado, outros cadáveres se destacavam, inertes, apavorantes, tendo nas mascaradas lividas essa grandeza augusta que a morte imprime em tudo aquilo que toca e que se não pôde exprimir por palavras sem vibração, sem calor, sem vôo lírico ou dramático. Dois d'esses cadáveres, sobretudo, impressionaram profundamente a minha sensibilidade doentia:—a dum velho, falecido de fome e encontrado ao abandono no desagasalhado púrdio em que se refugiára com a sua penúria e o dum operario que caíra do alto andaime em que trabalhava, cantando, para ganhar o pão de criancinhas frágeis, e que, na violência da queda, rebentou o cráneo nas pedras da calçada. Os de los das mãos torciam-se numa supplica e o bugalho branco dos olhos fitava, impassivelmente, as coisas. Desviei com rapidez a vista de tanta miséria e de tanta desgraça, enxugando lagrimas teimosas e novamente envolvi num olhar de piedade a pobre, desditosa rapariga que eu conhecera tão alegre, tão descuidada no esplendor da sua adolescência e que sombriamente, tragicamente, acabára de res alar dos vergéis em flôr do mundo para a solidão duma sepultura, quando á sua volta tudo parecia sorrir de viço, de jubilo e de ventura. Da cabeça, onde se enrolava a massa fulva, resplandecente, de esplendidos cabelos louros, corria um negro fio de sangue que lentamente coagulava na frialdade do marmore: e em toda a sua face duma brançura de cêra, havia a tranquillidade suprema de

quem já nada quer da existência:—das suas consolações, das suas glórias, das suas vaidades, das suas vans quimeras. Deante dessa primavera queimada antes de florir por um vento de maldição, o meu sentimento e a minha tristeza alvorçaram-se. Recusava-me a acreditar na dura realidade. a minha intelligencia negava-se a aceitar a certeza irremediável de que Florinda estava bem morta, que parára de pulsar-lhe no peito um puro coração que tanto batera, que emudecera para sempre o encanto, a musica, a poesia da sua voz tão rica de timbre, e que nunca mais tornaria a vel-a sorrindo de contente, cortejada, adulada, seguida fielmente pelos que andavam presos da sua sedução. Pousei-lhe levemente os dedos trémulos na fronte, que era eburnea e duma setinosa macieza, como se quizesse despertal-a do sono fundo de que jámais se acorda, por me parecer que ela estava dormindo, tal era a serenidade das suas feições: mas Florinda nem sequer estre necou. Então, convencido, puz-lhe sobre o seio uma rosa branca e abandonei aquele logar de supersticioso terror. Cá fóra, a f'esquidão da aragem reanimou-nos. Ardia, rutilava um sol quente de verão que dourava as perspetivas, alagava telhados e ruas de fu gor, vestia de luz casarias e arvoredos:—e, enquanto caminhava ao acaso, encontrava desafio em recordar aquele caso alarmante. Com que nitidez o reconstituia na memoria! Acontecimento banal, para os que olham as manifestações da vida n'elos seus asnetos exteriores. Aos dezoito anos, Florinda apaixonou-se por um rapaz sem posição e sem fortuna, porque o amor não se preocupa com grosseiros materialismos nem baixa dos astros ás realidades terrestres. Era uma romantica exaltada, lia os folhetins e as novelas de complicado enredo em que ha sempre a fatalidade pezando sobre os destinos, mulheres que se finam de paixão, contemplando as estrelas, prantos soluçantes e af'itivas lastimas correndo em paginas lugubres. Para e'a, a suma beleza resumia-se naquela adoração que trazia a viajar na alma como um lírio que desaprocha: uma jarra de cristal e que a cobre toda de côr, de gracilidade sem macula. O namoro continuou durante vagarosos, dormentes mezes sem um sobresalto que o perturbasse no seu encanto. Antonio, que era leal, vinha todas as noites bater-lhe á janela da sua vivenda calma repousando na so idão dum bairro recolhido: e de mãos dadas, uníelos na mesma aspiração, idealisavam pro's futuros.

—Quando eu tiver a collocação que procuro, casa-

remos — disse-lhe Antonio com firme comoção.

Eram pobres, um e outro, na verdade. Florinda costurava para fora e durante dias seguidos os seus agéis dedos desfilavam ligeiros sobre os tecidos e as rendas humildes, manejando a agulha. O noivo empregava-se no comércio, sem que a sua situação lhe permitisse, por enquanto, organizar um lar, criar uma família. Mas que importava esta contrariedade? Eram novos, tinham auras de aurores diante de si!

— De hora a hora, Deus melhora — afirmava ela num sorriso que adejava, contente, como uma aza, na sua boca vermelha e virginal.

De resto, não os atormentavam grandes ambições e a sua pobreza bem pouco bastava para uma ventura constante e sem nuvens. Um teto que lhes desse abrigo, quatro paredes em que fizessem o seu ninho, o parco janar seguro — e nada mais queriam.

— Posso confiar em ti, Florinda? — perguntava-lhe Antonio, apertando-lhe a mão efusivamente.

— Podes! Tu bem o sabes. Para que hei-de insistir mais vezes?

— Para me dares fé! Gosto tanto de ouvir-te dizer essas palavras!

Confiadamente esperavam, sem que na sua ternura houvesse desfalecimentos, desmaios. Antonio pretendia estabelecer-se por conta própria, trabalhar unicamente para si e para Florinda, que seria uma encantadora *ménagère* lidando nos arranjos caseiros — mas continuamente este desejo fugia à sua ansiedade. Não tinha dinheiro, não tinha crédito, não tinha nome, ninguém se oferecia para auxiliá-lo. No entanto, como era enérgico, lutava corajosamente. Acontecia-lhe, em certos momentos

de desânimo, encontrar-se com Florinda, exclamando num fundo desalento:

— Afinal, nunca tirarei o pé da lama. Começo a descrever...

Ela escutava-o passada de espanto, e para lhe refazer a vontade enfraquecida, murmurava-lhe junto ao ouvido, encostando a sua face à face do noivo:

— Bem depressa te cansaste! Olha que largos dias teem cem anos!

Nestes instantes quasi nem falavam: e apenas os olhos, mirando-se n'um enlevo, dialogavam docemente. Mas, quando na sua tristura luzia um brilho de ilusão, a alegria trasbordava, tornando-os verbosos e expansivos. Então voltavam a tecer febrilmente a interrompida teia dos sonhos de luar e de felicidade.

No entanto, como o serviço se fosse eternizando, a mãe de Florinda que a expliava com ciúme no receio de algum d'enganô funesto, principiara a resmungar de má sombra:

— Menina isto não tem jeito. Vocês não atam nem desatam e já se fala na visinhança.

— Fala-se de quê, mãe?

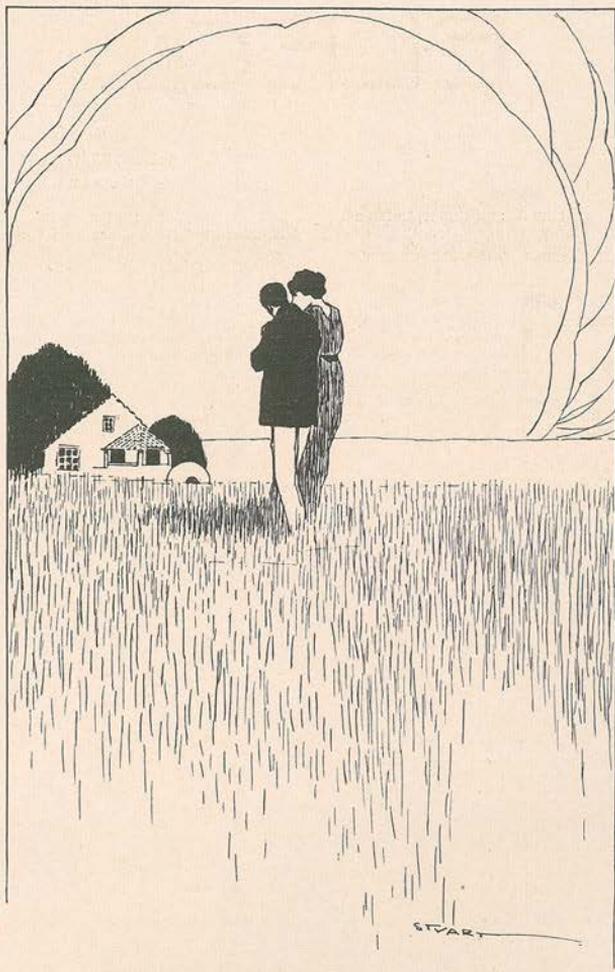
— De tudo! Vae lá fechar a boca ao mundo. As perdições é assim que começa! O melhor é aca-

bar!

— Acabar?

— Sim! Se tens receio eu despeço-o. Antes a magoa do que a vergonha!

Florinda, fundindo em lágrimas, curvava-se sobre o trabalho, anelante e rendida de desânimo. Reconhecia nas observações da mãe um fundo de bom senso e de razão. Não podia, com efeito, ficar agarrada ao namoro toda a sua mocidade, aguardando um bem que nunca chegava: mas revoltava-



se contra aquela tirania, que exacerbava o seu procedimento. faltava-lhe, também, a força para romper com Antonio, que não lhe fôra infiel, que não mentira às promessas juradas e que apenas espreitava uma aragem da sorte para lhe dar, com o casamento, uma ambicionada satisfação, que tanto tardava. Por isso mesmo, todas as noites, quando no veludo negro dos ceus derdejava, cintilava a pedraria luminosa das estrelas, nunca deixara de ir falar-lhe á janela baixa, respirando para a rua, onde o tempo fugia sem que se apercebesse do tédio, enquanto a mãe ralhava na cozinha, atirando com a louça de mau humor, por aquela desobeiência.

—Um dia não me contenho!—bradava ela, quando Florinda recolhia.

—A mãe—recalcitrava—há de obrigar-me a fazer alguma tolice! Verá...

—Uma tolice? Que tolice? Se me envergonhas, ponho-te fóra da porta aos empurrões, como um cão.

—Não é a que julga.

—Então que é?

Florinda calava-se, amuada: e a mãe, acesa em ira, impunha:

—Mas responde! O que é?... Ora eu t'as cantarei, socega.

Uma vez, quando Antonio se aproximava, a velha, saindo-lhe ao encontro, na rua, disse-lhe:

—A partir d'hoje, o senhor não volta a rondar-me a porta, se não quer que o enxote. Isso há de ter um escândalo bonito! Não tenho filhas para entregar a vadios...

E, reentrando em casa atirou com a janela, n'uma grande exaltação. Pasmado e vexado, Antonio foi para o seu quarto e levou a noite sozinha, sem poder conciliar o sono. A imaginação perdia-se-lhe em suposições que o faziam sofrer e tinha um suave desejo de morrer, de acabar com aquela infelidade que se não caçava e que, tendo-lhe arrebatado a esperança, lhe arrebatava agora o amor. A luz da manhã, fresca, reveladora, puríssima, veio surpreendendo-o abatido sobre a cama, com os olhos inchados de chorar, incapaz de um esforço, de uma reação salutar e vitalisadora. Mas, pouco depois, sentiu leves passos subindo a escada, uma visível hesitação, e perturbado, ouviu bater debilmente á porta. Ergueu-se de salto, com o coração pulando-lhe no peito, intrigado com a visita inesperada. Quem seria? Deu a volta á chave, abriu e encarou com Florinda, que entrou atrapalhadamente, trazendo os cabelos em desordem sob o lenço, o olhar esgazeado, um rubor na face.

—Pois vieste?—interrogou Antonio. Julguei que tudo tinha terminado!

—E terminou! Vim, mas para morrer!

Sentando-se no leito do noivo e apertando o chaille contra o seio, como se um grande frio a trespassasse, continuou:

—Antonio, se me queres, mata-me, e já. Não podemos casar, a minha vida é um inferno, não viverei sem ti. Que ando a fazer no mundo?

Ele, muito palido, hesitava, balbuciava.

—O quê? Tens medo? Que homem! Dá-me então uma arma e verás se a mão me treme!

Tomando uma súbita resolução, Antonio, dissimulada a sua cobardia diante de toda aquela fortaleza de animo, bradou:

—Morreremos ambos! Também eu não posso viver sem a tua companhia.

Com admirável abnega-

ção e um coçmovido espirito de sacrificio, Florinda atalhou.

—Tu não! Para quê? Que tolice. E's homem, podes esperar ainda...

—Não! Morreremos ambos, mas não aqui, n'este quarto. Será nas azinhas, ao ar livre, para que a nossa morte seja mais uma festa do que uma desgraça.

Abriu uma gaveta, tirou um revolver que meteu no bolso, e sem tremer, desceu a escada, com Florinda pelo braço. A alvorada era radiosa. N'um ceu sem mancha de nuvem que lhe toldasse o esplendor, refulgia um sol que se pulverizava em ouro ardente. A cidade, ainda sonolenta, bocejava na frescura da luz. Animavam-se ruas e mercados. Errava na atmosfera translúcida a musica dos pregões. Antonio e Florinda olhavam o cenario com a saudade de quem se despede, e caminhavam sempre, em direção aos campos. Movia-os, impulsionava-os uma decisão irredutível. Nem sequer sentiam a fadiga da marcha.

Deixaram as ultimas casas da cidade, cortando atravez dos campos. As saias de Florinda impregnaram-se do cheiro excitante dos fenos ceifados, molhavam-se de orvalho. A paizagem era um cantico, uma saudação, um poema á manhã gloriosa.

—Lindo dia para a morte!—disse Antonio.

—Lindo!—concordou Florinda.

E continuavam a caminhada, talvez para demorem o minuto lugubre, para viverem um momento mais, porque as suas mocidades sequiosas quasi que desconheciam a existencia. Os meiros assoviavam pelas bouças e as campinas fugegavam, exalando um denso vapor. Perto de uma fonte, que murmurava sob um frondoso castanheiro, sentaram-se n'uma pedra recoberta de musgo—e trocaram então, longamente, o seu primeiro e ultimo beijo, um beijo que os uniria, em breve, na paz da sepultura. O silencio era imperturbavel, infinito o repouso.

—Anda, mata-me agora!—implorou Florinda.

Antonio tirou o revolver, apontou-o, baixando-o imediatamente.

—Aqui!—pediu Florinda, indicando a cabeça. Atira para aqui.

—E tua mãe?

—Quero-te só a ti. Não tenho mais ninguém! Mas não te demores, que me atormentas.

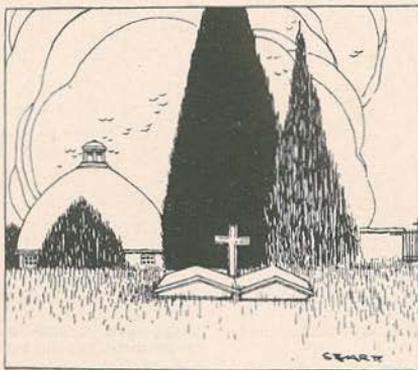
Ele, n'uma tremura, não se resolveu.

—Homem sem valor!...

Então, fechando os olhos, alucinado, Antonio encostou-lhe o cano da arma aos cabelos e puxou o gatilho. O estrondo do tiro assustou os passaros que cantavam entre as ramagens. Florinda caíra sem um grito, inclinando-lhe a frente ensanguentada sobre o hombro. Voltando a arma contra si, Antonio tornou a disparar, e tombou, escabujando n'um charco de sangue. Horas depois foram levados, n'um carro de bois

—ela para a «morgue» onde acabou de vê-la, ele para o hospital, agonizante, expirando ao cair da tarde.

Não deixarei, de certo, de plantar sobre os seus covaes proximos, duas roseiras brancas para que a brisa primaveril enlaçe as suas rosas e os seus aromas com a mesma ternura com que o amor enlaçára, em vida, as suas almas desditosas!



JOÃO GRAVE.

Inglaterra e Portugal



A bordo do «Argonaut»: A comissão da Universidade Livre com o contra-almirante Robeck

O dia 28 de setembro fica assinalado como uma das datas mais memoráveis da consolidação da nossa ve-

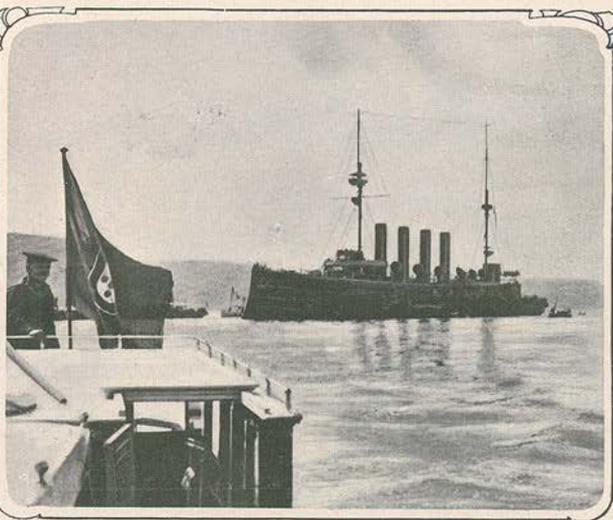
lha aliança com a galharda e poderosa Inglaterra. O cruzador-couraçado inglês «Argonaut» entrou no Tejo expressamente para saudar a bandeira portuguesa, conforme o aviso afetuoso do seu ilustre comandante «sir» Robeck.

Não se descreve o que foi a brilhantíssima recepção feita em Lisboa ao representante da nobre nação inglesa, quer pelo elemento oficial, quer pelo povo que lhe deu mostrou n'uma unanímidade tocante quanto a sua simpatia e confiança são veementes, tratando-se da nação aliada.

A officialidade do «Argonaut» bem deve ter sentido a profunda sinceridade d'essas demonstrações, e o illustre ministro de Inglaterra em Lisboa deve ter de certo ficado também jubilo-

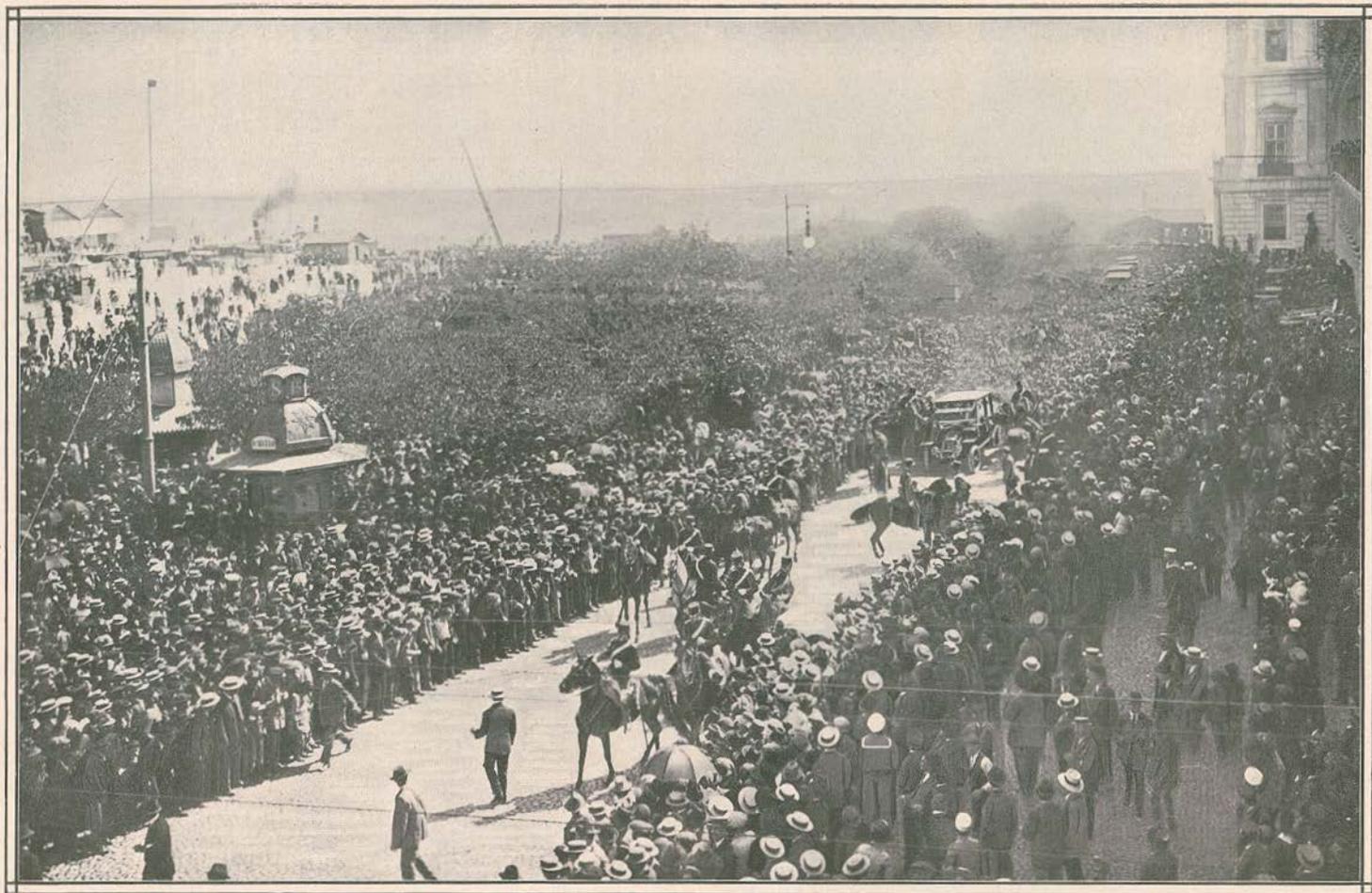
so por esta confirmação calorosa das provas constantes de simpatia e de consideração que tem recebido de Portugal.

O «Argonaut» trouxe-nos, a par de uma grande honra, uma afirmação tranqui- lizadora dos sentimentos inalteráveis da Inglaterra para conosco e levou-lhe em troca, a segurança inabalável da nossa lealdade, da nossa dedicação e do nosso reconhecimento para com ela sejam quaes forem as conjunturas que se atravessarem.

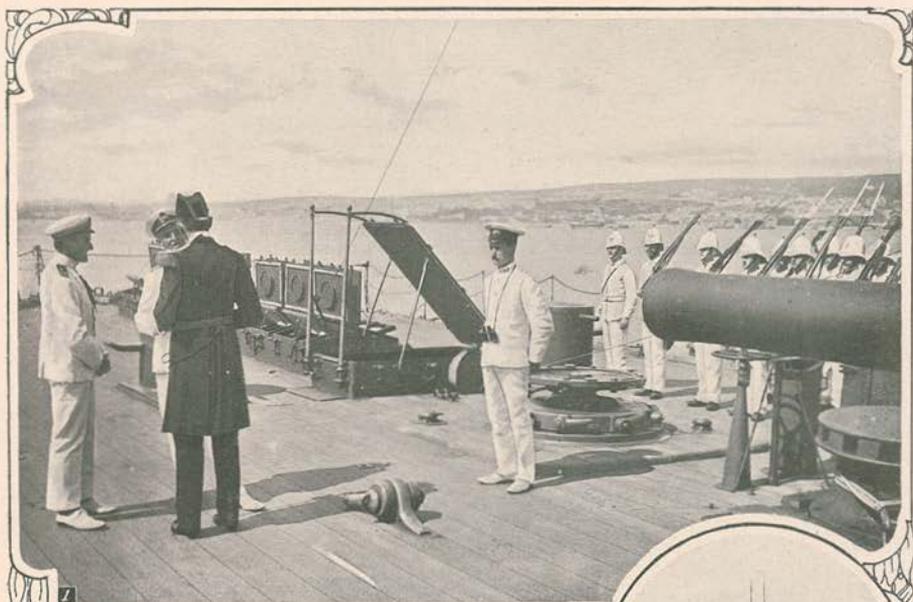


O cruzador-couraçado «Argonaut»

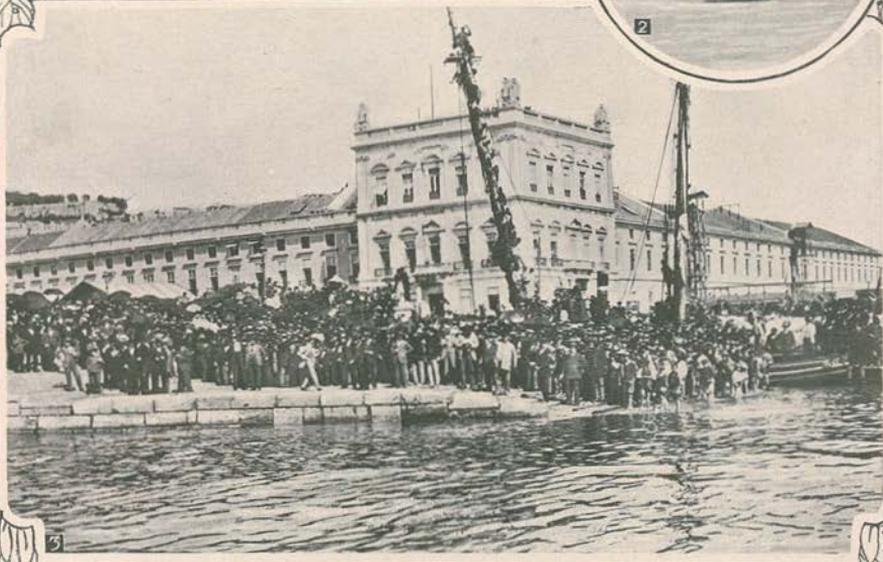
(«Clichés» Benollel).



Na Praça do Comercio: A multidão aclamando o contra-almirante Robeck—(«Cliché» de Benollel)



1. A bordo do «Argonaut»: O comandante recebendo os cumprimentos oficiais das autoridades de marinha de Lisboa — 2. O «Argonaut» saindo à bandeira portuguesa



3. No caes das colunas: A multidão aguardando a chegada do contra-almirante Robeck. — (Clilhés. de Benoitel)



No terraço do Paço de Belem: O sr. Presidente da Republica conversando com o contra-almirante Robeck e com mr. Carnegie, ministro da Inglaterra em Lisboa. — («Clicés Benoit»).

A eleição de Benedito XV



Um grupo de damas tomando pose deante da objetiva do fotografo na Praça de S. Pedro, n'um dos dias da reunião do «Conclave».

A morte d'um papa já não dá lugar em Roma aos acontecimentos que sempre se registavam no tempo dos chamados papas-reis. Então, segundo resam as crônicas da época, apenas a vida do Pontífice era oficialmente declarada em perigo, a maioria da população da Cidade Eterna, cheia de angustia e devoção religiosa, acampava na Praça de S. Pedro, comprimindo-se deante da celebre «Porta de Bronze» do Vaticano, á espera do ultimo boletim medico.

A's vezes, a multidão, n'um momento de desanimo, entoava em côro varias orações implorando do Altissimo um milagre que salvasse a vida do seu amado papa e rei.

Atualmente já não succede assim, apesar de ser a sede do Papado e da maioria da sua população con-

tinuar com a mesma fé, a ser catolica, apostolica... e romana. Conservou-se porém, intato o velho costume de se juntarem na grande Praça de S. Pedro, assombro de arte arquitetônica e maravilha de arte decorativa, todas os «fieis militantes», quando a vida do Santo Padre corre perigo, ou os cardeaes, produzida a

catastrofe, se reúnem em «Conclave» para d'entre eles escolherem o novo vigario de Cristo na terra.

A eleição de um papa, como todos sabem, é um acontecimento sensacional, que reveste sempre excepcionalissima importancia — politica e religiosa.

A «Ilustração Portuguesa» insere, pois, n'este numero uma curiosa reportagem fotografica dos aspectos da Praça de S. Pedro durante os tres dias em que



Fazem-se previsões sobre os resultados do «Conclave» e discute-se



Aglomeradas, democraticamente, na escadaria principal da Igreja de S. Pedro, muitas famílias da nobreza patricia esperam a celebre «sfumata».

funcionou o «Conclave» para a eleição de Benedito XV, o antigo e virtuoso arcebispo de Bolonha e—circunstancia digna de nota—o ultimo dos cardeaes creados por Pio X!

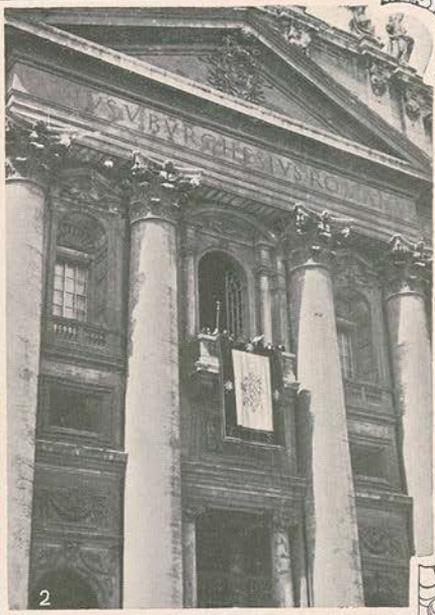
N'uma das nossas gravuras dis'ingue-se, assinada com uma +, a celebre «sfumata», que partici-

pou ás 100:000 pessoas aglomeradas na majestosa Praça de S. Pedro, que já havia papa. A «sfumata» é uma das pequenas chaminés lateraes do Vaticano e, consoante é branca ou negra, assim o papa está já ou não «felio».

Outra gravura representa o ato solene em que o



Aspêto da Praça de S. Pedro n'um dos dias em que se achava reunido o «Conclave» para a eleição do sucessor de Pio X.



1. A «sfumata» branca + que transmitu aos milhares de fiéis reunidos na Praça de S. Pedro que já havia Papa.—2. O decano dos cardeais assomando à janela da basilica de S. Pedro e pronunciando em latim as palavras sacramentais: «Anuntio vobis gaudium magnum habemus pontificem Eminētissimū cardinalem Della Chiesa, qui sibi nomen imposuit Benedictus XV».

decano dos cardeais, assomando-se a uma das janelas centrais da basilica, pronunciou em latim as sacramentais palavras: «Anuntio vobis gaudium magnum habemus pontificem Eminētissimū cardinalem Della Chiesa, qui sibi nomen imposuit Benedictus XV».

Escusado é dizer que a Praça de S. Pedro regorgitava durante o «Conclave», não só de «fiéis militantes», mas

também de simples «diletantí» d'este genero d'espectaculos, característicos de Roma,—se é licito classificar como «espectaculo» tal acontecimento.

As nossas gravuras mostram também que as esperas da «sfumata» constituem ainda um pretexto para se exhibir a tradicional elegancia da

melhor sociedade «patricia», da chamada «aristocracia negra», que se dá «rendez-vous» na Praça de S. Pedro, aguardando a «sfumata», comodamente, nas suas magnificas equipagens e esplendidos automoveis.

De resto, a elegancia feminina é absolutamente compativel com a fé religiosa, não obstante os sermões exaltados d'alguns illustres membros do clero contra as exigencias e excentricidades das modas parisienses,—pensam as interessadas e nós, homens, nos abstemos de contestar por simples egoismo ou por firme convicção.

G.



Um grupo característico de catolicos espera, ansioso, a eleição d'um novo papa

Praias do Norte



Ha poucos dias, escrevia-me um amigo: «A guerra fez-me perder já o costume do passeio anual. E oxalá seja este o maior mal que a atual guerra me traga.»

Todas as manhãs, o publico aguarda, com ansiedade, a chegada dos jornaes e publicações ilustradas que o põham ao corrente los casos mais palpitantes e dos factos mais memoraveis que dia a dia vão ocorrendo. E, seo jornal ou a revista lhes não agrada, se um ou outro assunto lhes não prende particularmente a atenção, arrumam tudo como velharia

inutil, murmurando: «Não presta!» Se quaquer coisa os interessa, ou o ciuimo do marido que apunha-la a esposa e lhe arranca depois do coração, erguen-



do o, como o trofeu, na ponta da faca, ou o retrato da prima e do namorado que qualquer magazine reproduz em atitude brejeira, então frases empoladas de elogio soam: «Isto é esplendido!» e o numero da publicação é guardado com todo o cuidado, passando a fazer parte do *bric-à-brac* familiar.

E quem se lembra acaso dos grillhetas da pena, dos forçados do jornalismo, que levam a vi-la em busca de sensações e de novidades com que divirtam e distraiam: os outros, dias e dias passando sem que uma nesga de sol lhes aqueça a frente e ilumine os olhos, os anos decorrendo sem que se possam estender os passos

para fóra do percurso habitual a que nos obrigam as nossas ocupações quotidianas, e isto porque um navio lhe deu para embirrar com os rochedos que



1. A caminho do banho—2. A hora da palestra



Comprando •barquilleros•

acidentam a costa, ou porque um Cesar qualquer se levantou uma manhã de mau humor e apostou que havia de conquistar o mundo...

E, não obstante, interessando-nos tão pouco tudo que no universo se passa, somos nós que temos de comunicar tudo aos outros, aos que, socegradamente e regala lamente, gosam estes lindos e belos dias de sol pelas termas silenciosas e calmas ou pelas praias alegres e ruidosas.

Nós vêmol-os, felizes e ditosos, arrastados no redemoinho do prazer, a todos esses favorecidos da sorte, se porventura conseguimos de fugida, como aves noturnas, atravessar por esses lugares de eieição onde eles conseguem esquecer, durante alguns dias, ás vezes alguns meses, as magoas e as tristezas íntimas a que nenhum mortal pôde escapar.

Desde o risinho Passeio Alegre, atravez da encantadora Avenida de Carreiros, na Foz, ao longo da bela praia de Matosinhos até Leça, até Vila do Conde, até á Póvoa do Varzim, e, ao sul, por todo esse delicioso trecho da beira-mar em que se alinham algumas das mais interessantes estâncias do paiz— Aguda, Miramar,

Granja, Espinho —a on la dos felizes dilata-se, engrossa, comprime-se, trasbordea, n'um vaevem incessante.

Mas nem tudo são rosas nas paaias. Ao lado da gente que folga, ha outra que a'l acode pela necessidade de se tratar, d: tomar alguns banhos, na esperança de reabilitar um pouco o organismo depauperado pela doença e, quantas vezes, pelas privações. Os desgraçados! Veem das aldeias distantes, de sacó-



No balouço



la ao hombro, meio rôtos, desprezíveis, imundos, e vão albergar-se em pardieiros infames, aos montões, como porcos, e n'uma promiscuidade horrivel, comendo o pão negro que trouxeram da terra e um caldo magro a que ás vezes, por exceção, juntam o peisico delicioso de uma sardinha!

E julgam eles que veem buscar saude, quando a

Depois do banho



verdade é que retiram quasi sempre mais pobres, mais doentes, mais miseráveis do que vieram!

É um espectáculo doloroso, com que aliás muita



gente se distrae.

Como são bemaventurados os que podem divertir-se á custa do tédio e do sofrimento dos outros!..

Porto, setembro de 1914.

S. M.



1. Passeando na praia—2. As creanças no balouço—3. Tomando o fresco e... bom-bons — («Clichés» do sr. Alvaro Martins).

A Europa em guerra

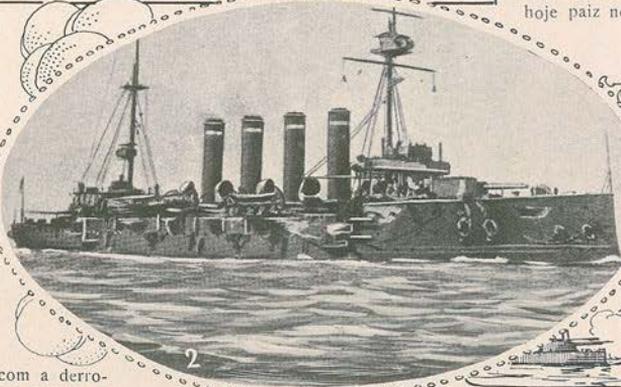
O conflito europeu, longe de teoar o seu termo, tende talvez a agravar-se. A invasão da Belgica e as atrocidades ali cometidas pelos alemães, particularmente o que ministro inglez Asquith chama o saque de Louvain, ou seja «o maior crime cometido contra a humanidade a guerra dos trinta anos», não foi de grande proveito para os alemães, e, pelo contrario, está dando que refletir aos povos neutros que se encontram em contato com o imperio germanico.

Os suissos estão-se armando e parecem decididos a seguir o exemplo da Belgica se fór necessario. Na Holanda, paiz dominado politicamente pela Alemanha, o descontentamento contra esta é cada vez mais visivel. A Dinamarca, que tem uma velha conta em aberto cou a Alemanha, que se lhe apodeiou de duas provincias, Sleswig e Holstein, em 1864, ao vêr sem duvida que a sorte das armas começa a ser desfavoravel aos imperiaes e que a querrela atual pode e deve concluir com a derrota final do imperio germanico, começa a levantar a cabeça e a mostrar o seu mau humor.

A entrada da Italia e da Turquia no conflito parece estar cada vez menos arredada, a despeito

das afirmações de neutralidade dos seus governos e das muitas solicitações de varia origem para que se conservem n'essa attitude.

Não ha duvida de que o conflito se agrava e de que os mais optimistas já não pensam, como a principio, da sua duração e terribes consequências. Levará mezes, levará um ano? Quem sabe! Falham mesmo todos os calculos áquelles que precisavam um fim rapido, embora medonho, ás guerras modeinas. E não ha hoje paiz ne-

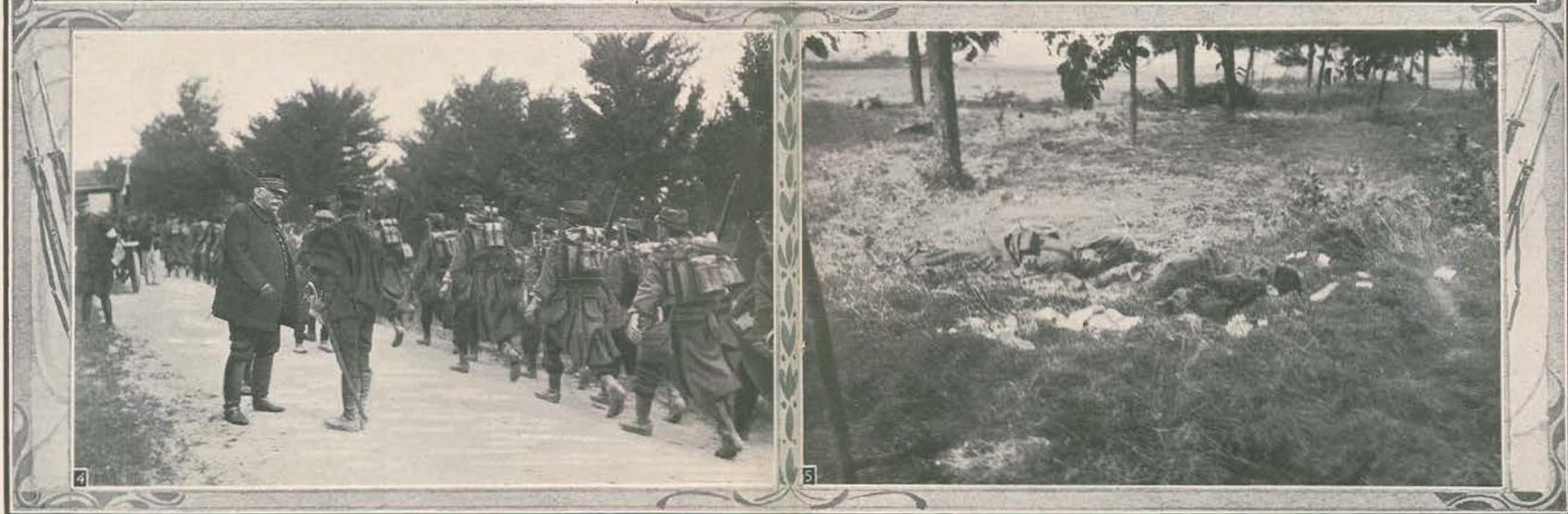


1. Manobras de damas das ambulancias Inglezas («Gliché» Chausseu Flavtens)—2. Cruzador Inglez couraçado «Cressy» metido a pique pelos submarinos alemães

num, por mais longe que esteja do foco da conflagração e que pensasse manter-se,



1. Artilharia franceza.—2. Em Louvain.—Uma refeição jovial de oficiais alemães.—3. Infantaria franceza.—(Cliché- Chus-eau Plaviens).



4. França.—N'uma estrada, o general Joffre conferencia com um tenente sobre a marcha das tropas do seu comando.—5. Batalha do Marne.—Cadáveres de alemães no campo da batalha.—(Clichés M. Branger).



a todo o custo, neutral, que de um momento para outro não possa ser arrastado pelos tentáculos de uma guerra monstruosa, como não se regista outra nas paginas negras da historia da humanidade.

A Europa subverte-se. O que ela tinha de mais admiravel, de mais artistico, de mais suntuoso, desaba em ruinas como se revivessem as velhas hordas dos hunos de Atila; os seus campos, onde as ultimas colheitas, conseguidas com tanto trabalho e tanto amor, prometiam a abundancia e a felicidade, vão-se ensopando de sangue humano. Por toda a parte a dôr, o luto, e a miseria! As artes, as industrias, o commercio, tudo paralisado!

Quando se pensa nos grandes assomos da civilização europêa, nos rasgos vistosos dos congressos da paz e nos grandes recursos apregoados da diplomacia, parece que estamos sob um sonho mau, sob um pesadelo!

E como acordaremos d'ele?!



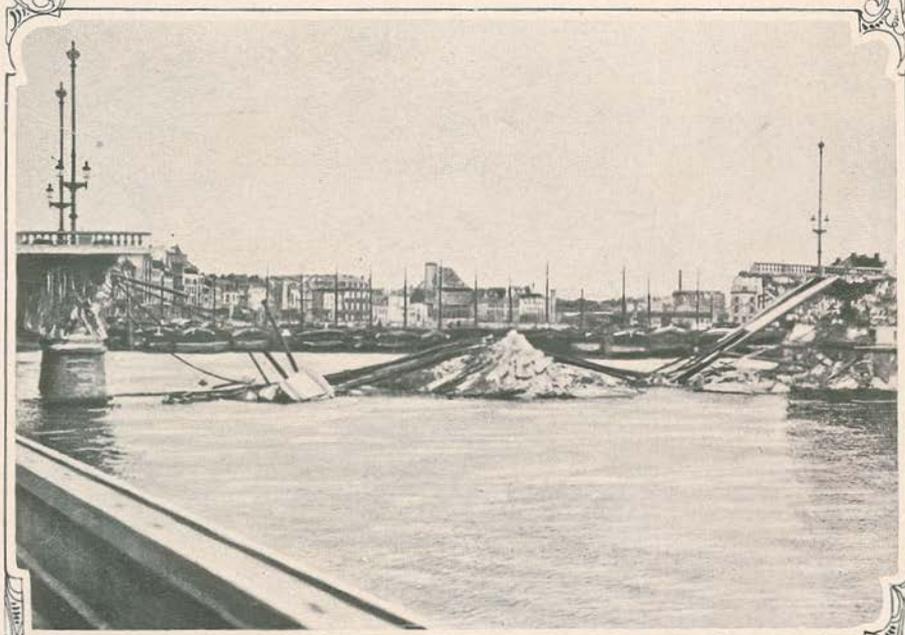
4. Um aeroplano alemão lançando uma bomba—2. Artilharia alemã mudando de posição—3. O telefone nas operações militares—4. Examinando um mapa



Defeza de uma povoação pelos carabineros belgas.—(«Gilché» M. Branger).



Dragões francezes defendendo uma passagem do nível contra o reconhecimento de ucranios



A ponte dos Arcos sobre o Mosa, destruída

(•Glichés - M. Bruger).

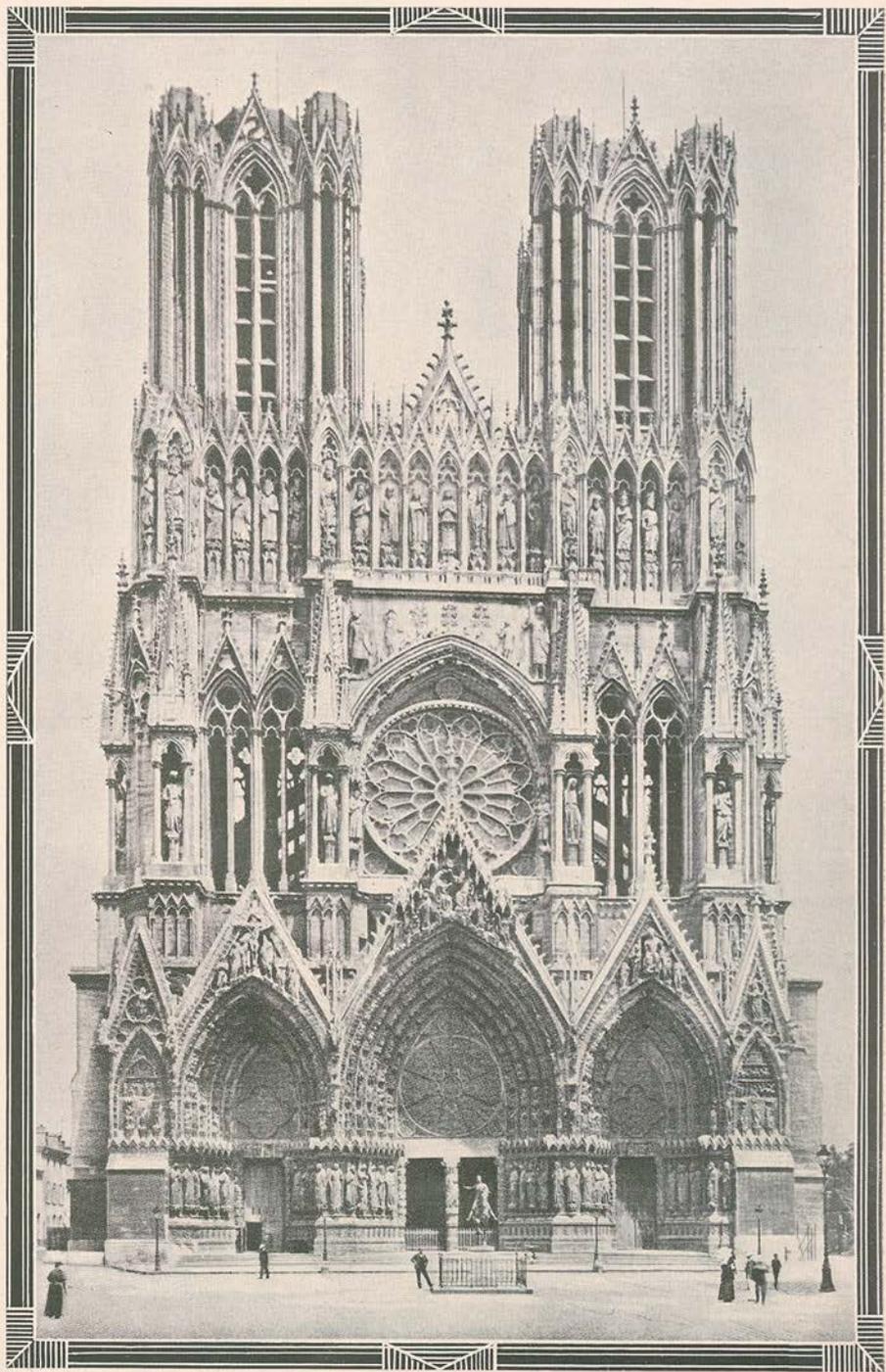


Exército francez.—Caçadores a cavalo jogando

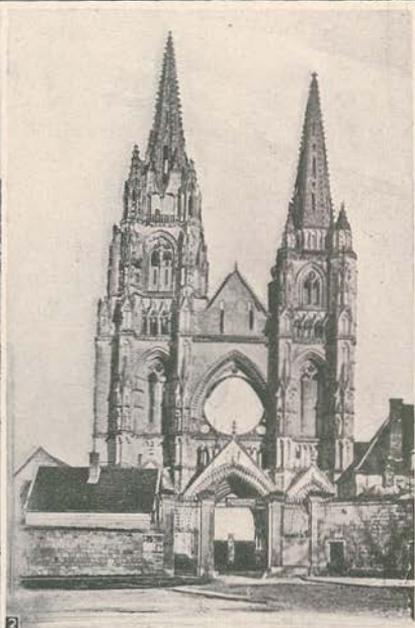
(«Cilché» Chusseau Flavlens).



Um ferido desmontado do animal, que o conduzia, é levado à ambulância pelos enfermeiros da Cruz Vermelha.—(«Cliché» M. Branger).



A catedral de Reims, arrazada pe'os alemães



1. Noyon. — Antigo paco episcopal. —
2. Soissons. — Igreja de S. Jean des Vignes.

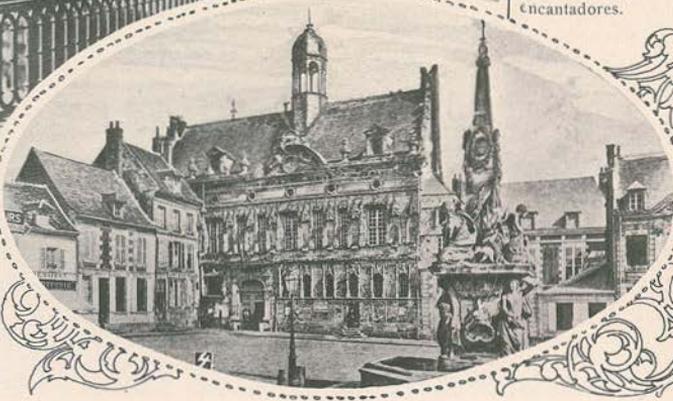
cos, tantas casas, onde se vivia feliz podem ruir de um momento para o outro.

E, então como a França, poucos paizes ha que os tenham mais atraentes, mais encantadores.

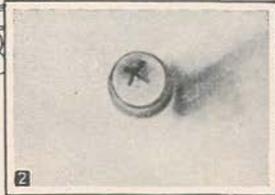


3. Verdun. — Passelo do dique.

Quando olhamos para as fotografias das terras sob a quaes se desenrola a luta europea, estremece-mos de horror á idéa de que quantas belezas naturaes, tantos monumentos histori-



Noyon. — Praça Municipal

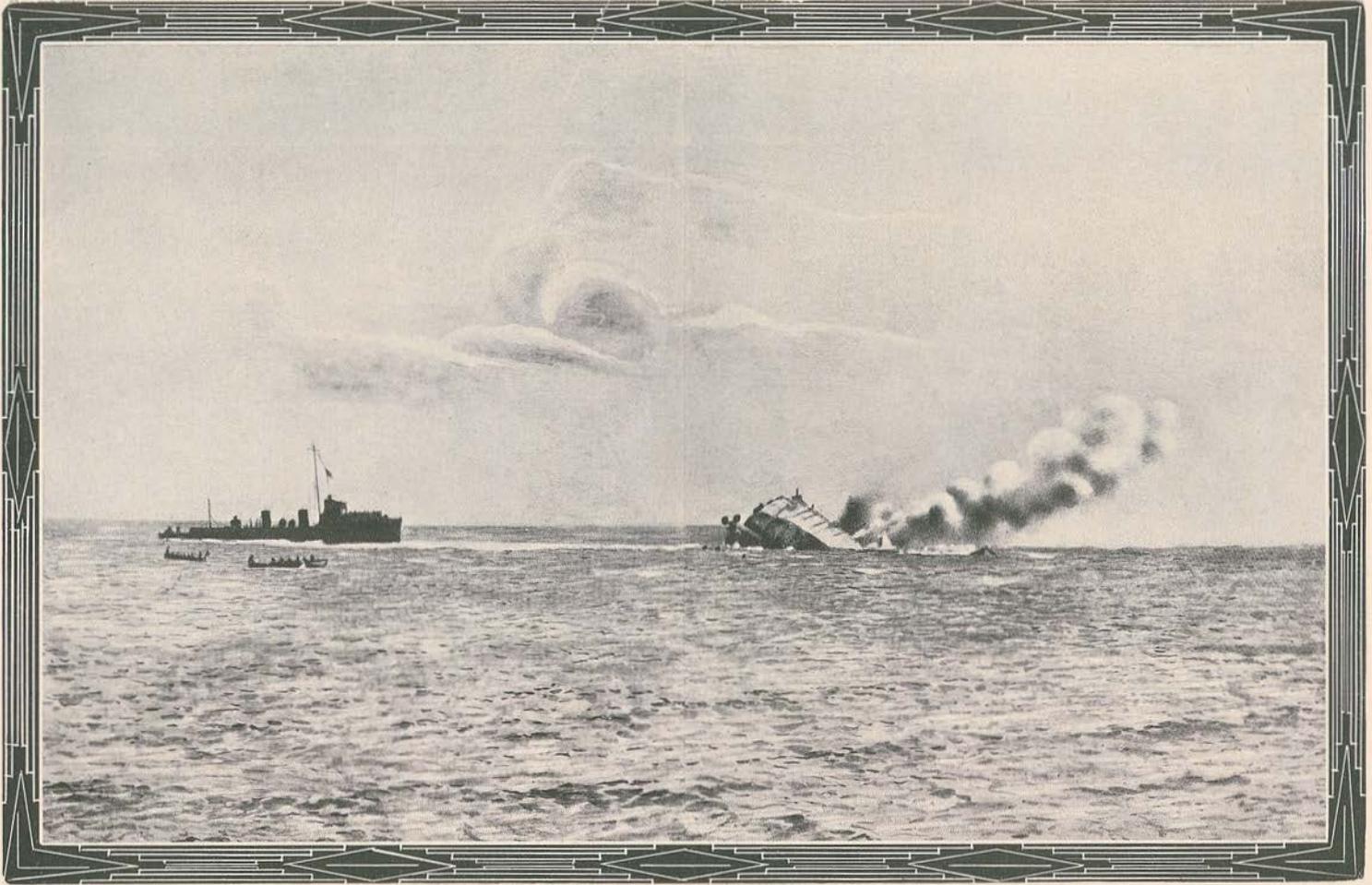


2 e 3. Cartucho com bala dum-dum deixado pelos alemães no campo de batalha de Kemereville e de Crèvie

1. Ferida causada por uma bala explosiva alemã em um soldado do regimento 152 de Infantaria francesa



Um biplano Inglês em reconhecimento



O cruzador alemão «Münz» metido a pique por um «destroyer» inglês. (Fotografia tirada durante o combate Heligoland).



O QUE SE NÃO COMPREENDE

Que esteja triste o Céu, compreende-se... Que o Mar,
Em soluços de dor, ruja de encontro à areia;
Que mostre o Sol nos céus sinais de se acabar,
Que se escureça a luz que tu lo aformoseia;

Que em chamas arda a neve, ou que arrefeça o lume;
Que cessem de correr os rios, e que o vento
Uive, por tarde amena, um lugubre lamento,
E exale toda a flôr mortífero perfume;

Que em ódio se transforme o amor nos corações;
Que não esplenda o luar, não brilhe o setestrel;
Que não loireje o trigo em turgidos pendões;
Que todo o sonho bom se torne em peza-delo,

Compreende-se! Que o Sol não brilhe, a ave não voe,
O passaro não cante á luz, e que, por sina
Fatal, a propria Terra um dia se esborôe,
Filha, tudo isso se compreende ou se imagina,

Tu lo isso a mente pode idear ou supor.
Mas que não rias tu, que és a propria Alegria,
Tu, que dás luz ao Sol, que dás perfume á flôr,
Que dás frescura ao ar, que dás beleza ao dia;

Mas que não rias tu, que ris á solta e á tóa,
Que ris, e iogo a vida ao meu olhar çançado
Surge simples, feliz, alegre, casta, e bóa,
Porque a vejo atravez do teu riso estonteado;

Mas que não rias tu, anjo alegre e vivaz,
Por cuja bôca em flôr minha tristeza ria,
E em cujo riso bom, nos momentos de paz,
Minha Desilusão ainda se iludia;

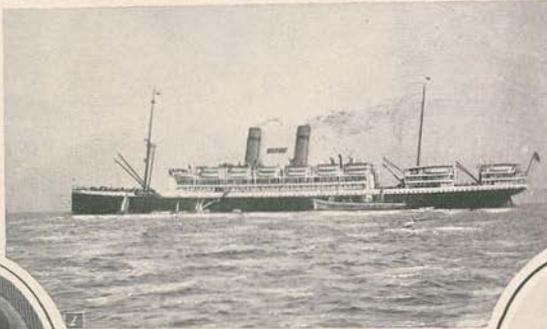
Mas que não rias tu, em cujos olhos brilha
A prestigiosa luz que o meu olhar acende,
Mas que não rias tu!... Ah! isso, minha filha,
Isso não se imagina, isso não se compreende!

(Do livro *Terra e Céu*).

ALFREDO LOPES D'ALMEIDA.

DE BERLIM A LISBOA

O sr. Carlos Alves Braga é um estudante distinto, que estava a fazer o seu curso em Berlim. A guerra surpreendeu-o n'a que a capital e, quando conseguiu arranjar meio de transporte para Lisboa,



curso esse! Em Berlim ainda se comia e bebia. Salvo o encerramento de algumas fabricas, por causa dos braços roubados pela guerra, a vida era normal; teatros, cafés, cervejarias, tudo re-



já a luta havia ceifado muitas vidas e semeado muitas ruínas. Deu-nos ele o prazer da sua visita e ofereceu-nos uns «clichés» que tirou a bordo do «Tubantia», o belo barco que o trouxe de Rotterdam a Lisboa. Porque até á Ho-

landa levou-o um comboio, que gastou o triplo do tempo que ordinariamente gasta. E que per-

gorgitava de gente; mas durante o caminho, feito em 40 horas, no meio de todas as precauções vagarosas por uma linha ferrea, guardada por soldados, principalmente nas pontas, não havia nada que comer! Só em Hannover os passageiros conseguiram pouca coisa com que iludir a fome e a sede. Tão fracos e



1. O vapor «Tubantia»—2. Sr. Carlos Alves Braga—3. Sr. Antonio José Gomes Neto—4. A bordo

aborrecidos que nem admiravam as formosíssimas paisagens do Reno e os curiosíssimos trajes característicos da região.

Chegados á Holanda indemnizaram-se bem d'essas leguas de mão caminho. Durante os 8 dias que tiveram de esperar o «Tubantia», visitaram as ilhas de Wollendam e Marken com as suas extravagantes habitações fundadas sobre colunas de madeira, como as velhas povoações lacustres; visitaram também varias cidades, entre ellas a Haya, cujo «Palacio da Paz» estava fechado por ser domingo, e, virtualmente, por quanto tempo estarão cerradas as suas portas?!

O sr. Alves Braga trazia por companheiros os seus diletos amigos srs. Antonio José Gomes, Neto e José Bento da Costa, além de outros muitos portugueses e brasileiros, que scolidarizaram na mais encantadora convivencia. Embarcados no «Tubantia», também os esperava ali uma alimentação pouco apetecivel, apesar de terem pago o dobro da passagem. De resto, a viagem foi boa. Os grandes couraçados inglezes que o va-



1. A sr.ª D. Margarida Eisen, filha do sr. diretor da fabrica de cerveja Germania—2. Em viagem

por encontrava, de dia e de noite, deixavam-no passar ao largo sem reparos nem intimações. Não era só por lhe drapejar nos mastros a bandeira holandesa, mas sobretudo porque levava, bem erguido, entre as duas chaminés o seu nome em letras de um metro por meio metro, formadas por lampadas electricas,



2



2

de um magnifico efeito, e que se liam a milhas de distancia,

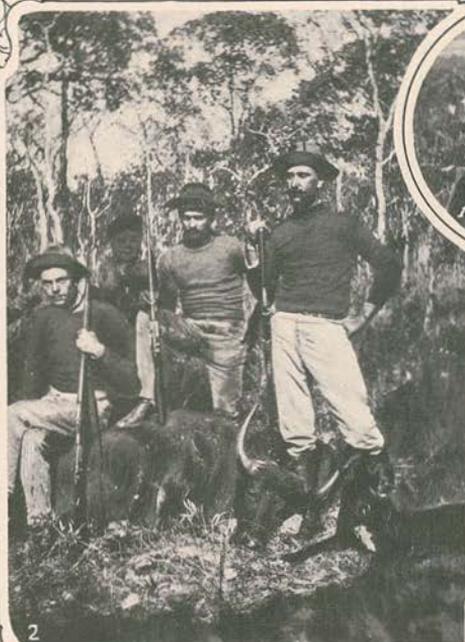
Calcule-se a alegria do sr. Alves Braga e dos seus companheiros de viagem ao pôr pé em Lisboa, n'esta Lisboa, tão pacifica, tão abundante, tão alegre, onde custa a fazer idéa da perturbação, da fome, do luto que vae pelo centro da Europa!



3

1. O sr. João da Costa—2. Conversando alegremente—3. Um grupo de passageiros portugueses

Uma batida aos bufalos no Andulo



Realisou-se no Andulo uma formidável caçada aos bufalos, que, sob a direção do habil atirador civil Antonio Malheiro, irmão do ilustre capitão de infantaria e colaborador da *Ilustração Portuguesa*, decorreu sem incidente algum desagradável.

E' o bufalo uma especie de bovideo, que, sendo na Italia domesticado, é evidentemente pacifico; mas no estado selvagem é um dos ruminantes mais perigosos, quando perseguido ou ferido, como quem escreve estas linhas teve occasião de vêr.

Foi em julho, n'uma manhã primaveril, aos primeiros alvôres d'uma madrugada tropical, que deparámos com a primeira manada n'uma extensa planície, onde mais de cem d'estes ruminantes pastavam pacificamente, muito longe de desconfiarem do perigo que os ameaçava.

Descarregando sobre eles, caíram, fulminados pelas ba's certeiras das nossas *Mauzer*, quatro soberbos exemplares, deixando muitos outros vestigios de serem feridos, atentos os muitos rastros de sangue que ficavam, ao passo que em direções diferentes se iam entrando nas interminaveis florestas.

E. M. B.



1. Sr. Antonio Manuel Malheiro, um dos habéis atiradores civis do Ribê, chefe da batida aos bufalos—2. Um dos bufalos abatidos durante a caçada. Da esquerda para a direita os srs. Francisco de Moura Barata, M. C. Dias e Antonio Malheiro 3. Um bufalo com a cria, morto pelo sr. Antonio Malheiro.—(«Clichés» do distinto amator Francisco de Moura Barata).



1. Sr. Eduardo de Sousa, director do Lactario da Paroquia de S. José que tão filia n'tropicos serviços tem prestado á infancia d'aquella freguezia



3. Sr. Carlos Machado, director do mesmo lactario, e cuja dedicacão pela infancia não é menos digna de elogio do que a do seu colega precedente



4. José Henriques de Sousa, o lavrador mais velho do Ribatejo, é pae de 29 filhos. Fez 104 annos no dia 15 de setembro, continuando como enão a gosar boa saude, a dirigir os negocios da sua casa com toda a lucidez de espirito. Fala com grande entusiasmo na guerra, lamentando não estar na idade de poder bater-se ao lado dos allados.

F. Zeferino de Sousa.



2. Sr. José d'Almeida Tinoco, fallecido ha pouco. Foi secretario de finanças em Manteigas, onde prestou excellentes serviços e pertencia a uma familia muito distincta



5. O illustre senador sr. Antonio Cerqueira Colmbra, fallecido o mez passado em Amarante, foi secretario da Universidade e um dos membros mais distinctos do partido evolucionista



6. A primeira patrulha de academicos («boy-scouts» lusitanos), do Porto, que com o seu grupo fez uma bella marcha de resistencia sob a direcção do distincto official do exercito sr. Barros Bastos

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
 Sem Opio e em Morphina.
 Muito efficazes contra a
ASTHMA
 Catarrho, Oppressão
 35 Anos de Bom Exito.
 Medallas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & Co
 6, Rue Dambaslo
 PARIS
 E BOAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
 O unico remedio prescripto por todos os medicos
 para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias*
 é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas
 de tarde ao jantar).
 Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

SELLOS DE CORREIO
 CATALOGO GRATIS e FRANCO
 Remattem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS



Uma das oficinas
VENDE-SE A RETALHO

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO
 Sociedade anonima respons. limitada

CAPITAL:

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortiz.	
sação.....	286.400\$000
Reis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlania e sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Loudã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel nos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:
 LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
 PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto-Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado

Em cobre.

.. cores, pelo mais recente processo — o de trichromia

Para jornaes com tramas especies para este genero de trabalhos.

e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Illustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inextinguivel perfeição

Stereotypia

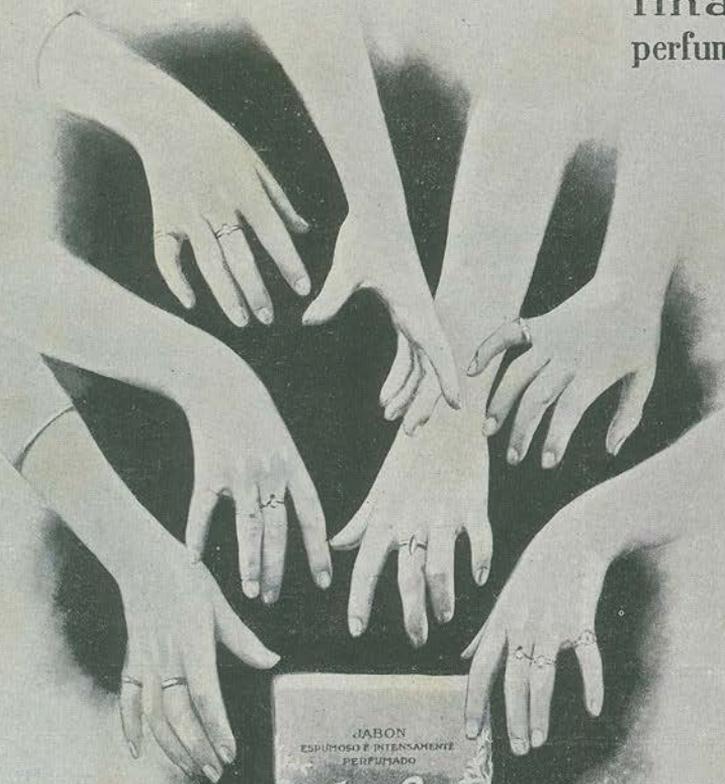
De toda a especie de com: posição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

Todas { o querem
porque desejam ser
brancas, suaves,
finas e
perfumadas



A. Ehrmann.